

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA DOS ALUNOS COM SÍNDROME DE *DOWN* NO ENSINO FUNDAMENTAL

Gislaine Ronsani Laureano¹

RESUMO

Ao refletir sobre educação inclusiva, surgem muitas dúvidas sobre como lidar com alunos com síndrome de down nas aulas de Educação física, uma vez que faz-se necessário conhecer o processo de aprendizagem da criança com SD nessas aulas. Na busca por respostas pesquisou-se em várias literaturas como livros, artigos e outros trabalhos já publicados. O que constata-se, em um primeiro momento é que, mesmo com dificuldades, os alunos com síndrome de down querem aprender, buscam aprender, e dependem dos professores da área para que sua aprendizagem e seu desenvolvimento aconteçam.

Palavras-chave: Inclusão. Aprendizagem. Síndrome de Down. Educação Física.

1 INTRODUÇÃO

A escolha deste tema se justifica pelo fato de que uma futura professora de Educação Física certamente encontrará em seu percurso profissional alunos que possuam síndrome de *down* (SD). Desta forma, para entender melhor como acontece o processo de desenvolvimento destes alunos fez-se necessário verificar *in loco*, como este aluno entende, participa das aulas e interage com os demais alunos. Neste sentido, durante o Estágio Supervisionado III que envolvia a observação de um período de aula com uma aluna com SD, surgiu a dúvida de como e até que ponto uma criança que apresenta essa deficiência aprende e, qual as estratégias de ensino mais adequadas para utilizar nas aulas de Educação Física de forma a garantir que essa criança realmente tenha acesso à aprendizagem.

Sabendo que todos têm igualmente os mesmos direitos à educação, os professores devem estar aptos para receber e proporcionar uma educação de qualidade para todos, este trabalho cujo tema é o “Desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizado nas aulas práticas de Educação Física dos alunos com SD no Ensino Fundamental fez emergir o

¹ Gislaine Ronsani Laureano, acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma/SC – Brasil. E-mail: <ninha_mf@hotmail.com>.

seguinte questionamento: Como a criança com síndrome de down consegue obter sucesso em seu desenvolvimento cognitivo e no processo de aprendizagem nas aulas de Educação Física?

A partir do questionamento descrito acima, foram elencadas as seguintes questões norteadoras são: O que é SD? O que é desenvolvimento cognitivo? Como ocorre o processo de aprendizagem em uma criança com SD, principalmente nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental?

Para responder a estas questões, o presente estudo adotou como objetivo geral conhecer o processo de aprendizagem da criança com SD nas aulas de Educação Física. E como objetivos específicos buscou: Analisar o desenvolvimento da aprendizagem do/a aluno/a com síndrome de down; Conhecer o domínio cognitivo da criança; Relatar sobre a forma de ensino direcionada aos alunos com SD nas aulas de Educação Física.

2 METODOLOGIA

De acordo com Lakatos e Marconi (1995, p. 43), pesquisa pode ser definida como:

[...] um procedimento formal com métodos de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Significa muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos.

Sobre pesquisa bibliográfica, Lakatos e Marconi (1995) afirmam que esta consiste no levantamento de toda pesquisa já publicada seja em livros, revistas, jornais, ou outras fontes impressas ou sobre um determinado assunto, que busca solucionar um problema e ampliar os conhecimentos de outros trabalhos já publicados sobre o mesmo tema.

Com base no exposto, uma pesquisa pode fundamentar-se na imprensa escrita, em forma de revistas ou jornais, nos meios audiovisuais como rádios, filmes e televisão, material cartográfico, que depende do tipo de trabalho, mas, nesses casos são mapas e gráficos, e por último, como é o caso deste trabalho, em textos publicados em teses, monografias, ou seja, em trabalhos acadêmicos aprovados por alguma revista acadêmica que são analisadas e aprovadas pelos integrantes. Esta compreende quatro fases distintas, que segundo Marconi e Lakatos (1996, p. 68) são:

- a) Catálogo – lista sumária, ordenada, de livros.
- b) Índice – relação de artigos publicados em periódicos sobre determinado assunto.
- c) Bibliografia – indexação de artigos de periódicos, livros, teses, folhetos, relatórios, comunicações e outros documentos sobre o mesmo tema.
- d) “Abstracts” – publicações que além de oferecer elementos para identificar o trabalho, apresentam um resumo analítico sobre o mesmo.

Assim, ao procurar respostas para esta pesquisa, buscou-se por livros e trabalhos acadêmicos que fornecessem registros para o tema abordado. Neste ponto, tornou-se fundamental associar as ideias e pensamentos já experienciadas com as dos autores citados nesta pesquisa para melhor entender a SD e, desta forma, obter respostas para as questões que surgem quando um professor se depara com alunos com SD nas aulas de Educação Física.

3 SÍNDROME DE *DOWN*: CONCEITOS E ABORDAGENS

Segundo a Lei nº 13.146 de 2015 do Direito à Educação, no capítulo IV, o art. 27 prevê que:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2016)

Assim como os alunos sem deficiência que estão no ensino regular, os alunos com deficiência também tem direito de frequentar o ensino regular o que lhes garante os mesmos direitos daqueles alunos considerados “normais”. Neste contexto, a legislação brasileira é clara quando garante o direito de todos a uma educação de qualidade independente de deficiência.

Sobre a questão da deficiência, Werneck (1995, p.57) afirma que não existe uma definição correta que dê conta do termo, mas destaca que “[...] o material genético do ser humano não para de sofrer mutações, mesmo sobre risco de provocar anormalidades cromossômicas”.

Entretanto, a SD é reconhecida como deficiência mental por ser a primeira síndrome a apresentar modificações cromossômicas, sendo sua principal causa genética. Segundo Bissoto (2005, p.81): “A síndrome de down se caracteriza, em sua etimologia, por ser uma alteração na divisão cromossômica usual, resultando na triplicação, ao invés da duplicação do material genético referente ao cromossomo 21”.

Além das pesquisas Bissoto (2005), existem outras que afirmam a existência de três tipos de SD, estas são:

- a) Trissomia simples que se trata da não separação do cromossomo 21, ou seja, a criança recebe um cromossomo extra, causando a SD.
- b) Trissomia por translocação ocorre quando um cromossomo de outro par se une ao cromossomo 21, e acontece a quebra na região central.
- c) Mosaicismo, ou seja, quando acontece de uma criança nascer com a mistura de células normais com células trissômicas.

Cada tipo de SD tem suas especificidades no processo de aprendizagem, sendo algumas maiores e outros menores, porém todas as crianças que possuem tal deficiência, apesar das suas individualidades, são capazes de alcançar seu desenvolvimento cognitivo, motor e da linguagem, desde que contem, ao longo de suas vidas, com a ajuda familiar e de bons profissionais de ensino.

Segundo Ornelas e Souza (2001), os alunos com SD possuem algumas características que exigem um cuidado maior, são estas: cardiopatias congênitas, complicações respiratórias, desordens convulsivas, doença de *Alzheimer*, problemas visuais, disfunção da glândula tireoide, *déficits* auditivos, apneia do sono e órgãos sexuais pouco desenvolvidos, além de sérios riscos de lesão na medula, caso ocorra flexão forçada da coluna cervical, devido à flacidez muscular, por esses motivos os profissionais de Educação Física devem ter cuidado em relação ao processo de ensino no que se refere ao desenvolvimento motor destas crianças.

3.1 DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

O desenvolvimento de cada criança é particular e depende do desempenho de cada habilidade da mesma. Segundo Flavell (1975, p. 41):

[...] as propriedades básicas e irredutíveis da adaptação cognitiva que se mantem verdadeiras em todos os níveis de desenvolvimento. Estas propriedades invariantes e fundamentais são mais encontradas nos aspectos funcionais do que nos estruturais da inteligência [...].

Para Stray-Gundersen (2007, p. 16), “[...] da mesma forma que crianças “normais”, cada criança com síndrome de *down* é única, com sua própria personalidade, talentos e ideias”.

Todas podem aprender e se desenvolver, no seu tempo exato, principalmente quando leva-se em consideração o paradoxo de que uma fruta não cai do pé sem estar madura, o que significa dizer que a criança se desenvolve quando for o seu tempo de amadurecimento. Sendo assim, pode-se afirmar que além de talentos e ideias, a criança com SD também possui particularidades no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo tanto como as demais crianças.

Segundo Bissoto (2005), um dos primeiros pesquisadores sobre a SD, o Dr. J. Langdon afirmou que todas as crianças que possuem tal síndrome, se desenvolvem da mesma forma, isto é, tem as mesmas capacidades cognitivas e motoras. Entretanto, estas pessoas antigamente eram chamadas de “mongoloides” por terem características diferenciadas das pessoas ditas sem deficiência, além do fato que a sociedade não tinha nenhuma noção ou conhecimento sobre as peculiaridades desta deficiência.

A criança com SD tem seu processo de aprendizagem e desenvolvimento normalmente sempre na mesma idade, apresentando as mesmas dificuldades e limitações motoras e cognitivas. Neste caso, Stray-Gundersen (2007, p.135) explicita que:

O desenvolvimento da criança com síndrome de down será afetado pelo seu cromossomo adicional. Sua constituição genética estabelece um plano preliminar para o desenvolvimento; ela não predetermina seu resultado final. Os genes são responsáveis pelas deficiências observadas na síndrome de Down; o crescimento e a aprendizagem, em conjunto com fatores psicológicos, culturais e ambientais favoráveis, podem ajudar a reduzir o impacto dessas deficiências.

Entretanto, é comum que essas crianças precisem de mais tempo para se desenvolver cognitivamente, pois pelas características internas, em alguns casos o professor de Educação Física deve ter cuidado quanto ao desenvolvimento do aluno. Bissoto (2005), em seus estudos verificou que mesmo existindo várias formas de trissomia, que podem determinar variações físicas e cognitivas, não existem muitas características que possam diferenciar os três grupos existentes de SD.

Por outro lado, alguns estudos afirmam que a criança com SD do mosaicismo possui uma maior facilidade de desenvolvimento por este ser um pouco mais “leve” em relação à trissomia simples e trissomia por translocação (BISSOTO, 2005).

Stray-Gundersen (2007, p. 140-141) demonstra um quadro dos marcos importante para o desenvolvimento cognitivo da criança com SD passa pelas fases de crescimento das mesmas:

Fase 1: 0 a 8 meses: olha de um objeto para o outro; cuida do objeto caído; esforça-se para pegar o objeto; descobre o brinquedo que viu escondido.

Fase 2: 8 a 14 meses: imita o uso dos brinquedos; encontra o brinquedo escondido (surgimento da memória); começa a demonstrar causa e efeito.

Fase 3: 14 a 24 meses: usa os objetos como ferramentas; reúne objetos relacionados; usa tentativa e erro; dispõe objetos pelo tamanho.

Fase 4: 24 a 36 meses: capacidade de usar abstrações; desenha rostos reconhecíveis; entende “1”, “2”; denomina as cores comuns; faz associações.

Por tratar-se de crianças que necessitam de uma atenção especial quando são incluídas no ensino regular os alunos com SD enfrentam algumas dificuldades no momento de realizar uma tarefa que não faz parte de sua rotina diária, tais como: efetuar um saque com a rede de voleibol na altura e distância oficial durante um jogo na aula de Educação Física.

Na sequência apresenta-se como acontece o desenvolvimento destes alunos nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental.

4 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA/ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN NAS AULAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Cada criança tem seu tempo natural de aprendizagem e, aquela que possuem SD não são diferentes, o professor deve ter paciência, e um estudo mais aprofundado sobre o assunto, pois lidar com estes alunos não se trata de uma tarefa tão simples. Para que tenha um bom desenvolvimento na aprendizagem a criança com SD necessita sempre lembrar o que esta sendo ensinado, pois algumas possuem memória de curto prazo. Nas aulas de Educação Física a questão não é diferente, pois necessitam rever e lembrar movimentos/regras nas quais já foram vistas.

Segundo Gonzáles (2007, p.91):

Em pesquisas realizadas foi possível estabelecer que, em nível motor, essas crianças tem grandes déficits. Seu equilíbrio é pobre, seus movimentos são lentos, e desde o momento de seu nascimento se caracterizam pela hipotonia e por mostrar alguns reflexos mais fracos que o normal.

Stray-Gundersen (2007) relata alguns desenvolvimentos corporais da criança com SD que levam a compreensão do seu desenvolvimento na aula de Educação física. Nesse sentido, ao explicar o motivo do cansaço prematuro, o autor utiliza alguns pontos relacionados às atividades física desenvolvidas nas aulas.

O cansaço pode ser causa do tônus muscular baixo, desta forma Stray-Gundersen (2007, p.146) explica que “[...] tônus muscular baixo, ou hipotonia, é muito comum nas

crianças com SD. Seus músculos são frouxos e flácidos. Embora o grau de hipotonia varie de criança para criança geralmente afeta todos os músculos.

Mesmo as dificuldades que surgem ao longo do seu desenvolvimento, os alunos com SD querem aprender, buscam aprender, e dependem dos professores para que sua aprendizagem e seu desenvolvimento aconteçam. Neste sentido, Stray-Gundersen (2007) registra que a hipotonia colabora para o atraso no desenvolvimento das habilidades motoras, uma vez que deixa os alunos com os músculos fadigados e um simples ‘ficar de pé e caminhar’ pode ser atrasado e descoordenado. Porém, com o passar dos anos e muito cuidado, os efeitos da hipotonia podem ser diminuídos.

Para que isso não impeça o aluno com SD de evoluir seu processo de aprendizagem, é necessário que tenham intervalos para descanso. Seria interessante, portanto, que, nesses momentos, o aluno ganhe dois a três minutos a mais para que possa fazê-lo. E desta forma, ter uma maior evolução neste processo de aprendizagem e que talvez uma probabilidade maior de memorizar o que esta sendo ensinado.

Quanto à capacidade de resistência para atividades práticas considerados na aula de Educação Física, Stray-Gundersen (2007) aponta que apesar de a capacidade ser baixa para completar tarefas de resistências, com paciência e perseverança o professor/a de Educação Física e familiares, em determinadas atividades poderão minimizar as dificuldades, mesmo considerando um tempo maior para que ocorra a flexibilidade muscular.

Desta forma, Stray-Gundersen (2007, p. 148) descreve que as crianças com SD podem sentir um cansaço repentino ao realizar tarefas ao longo do dia, como por exemplo, correr, uma vez que isso acontece em razão de possuírem capacidade baixa de resistência e/ou possuir o tônus muscular muito baixo.

A flexibilidade articular e a baixa capacidade de resistência são também outras características da SD. Então, Stray-Gundersen (2007, p.147) destaca que:

Quando as articulações são extraordinariamente flexíveis, denominam-se hiperextensíveis. Vocês podem notar que os quadris e as pernas das crianças com síndrome de Down giram facilmente para fora ou que elas podem curvar-se na cintura mais facilmente que as outras.

As características físicas dessas crianças não as impedem de ter uma vida normal igual às demais crianças e como visto acima, pode-se afirmar que é direito delas estarem e participarem das aulas de Educação Física embora estas características possam dificultar sua aprendizagem.

Destaca-se a seguir, algumas possibilidades para garantir a inclusão de crianças com SD nas aulas de Educação Física.

4.1 O PAPEL INCLUSIVO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: PRÁTICAS, METODOLOGIAS, ADAPTAÇÕES E RECURSOS

Segundo a Secretaria de Educação Especial SEESP/MEC (2001, p.8) “Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos”.

Para aqueles que acreditam verdadeiramente que inclusão acontece nas escolas de ensino regular, Mantoan (2006, p.16) adverte que: “Se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos, que reconheçam e valorize as diferenças”.

Para que essas crianças consigam obter uma educação de qualidade os professores e gestores deverem procurar especializações nestas áreas para que possam abraçar esta causa. Crianças com SD necessitam de professores de Educação Física especializados e escolas apropriadas para o seu pleno desenvolvimento, afinal esta abrange várias características que devem ser cuidadosamente incluídas nas aulas a serem praticadas, como: físicas, nervosas, sensoriais, motoras, cognitivas, afetivas, verbais e sexuais. (GONZÁLEZ, 2007).

Para que o processo evolutivo da criança com SD aconteça de forma correta González (2007, p. 96) recomenda: “É preciso levá-la à escola desde muito cedo, mantê-la em uma escola de integração durante todo o seu período evolutivo e, além disso, proporcionar a ela apoios especiais, como pode ser a estimulação precoce”.

Para entender um pouco mais das práticas metodológicas do aluno com SD na aula de Educação Física, Millen Neto (2008) descreve a prática utilizada durante a aula de um aluno com SD que deu início ao seu processo de inclusão junto à turma. Destaca-se que este aluno surpreendeu a professora com seu “desembaraço” ao perceber que o mesmo possuía as mesmas facilidades do que os demais alunos.

Talvez este aluno com SD nunca tenha tido a oportunidade de praticar a aula junto com os colegas de classe, visto que o autor relatou que este praticava outro esporte durante as horas livres e era tratado de igual para igual junto aos colegas do time. Neste contexto, observa-se que, talvez o que falte na verdadeira prática inclusiva das escolas é uma real

adequação curricular e adaptações nas metodologias conforme as necessidades apresentadas pelo aluno, respeitando, é claro, seus limites e dificuldades.

Quanto à prática da Educação Física de crianças com SD, Millen Neto (2008, p. 111) afirma que:

[...] as atividades trabalhadas são as seguintes: diferentes tipos de jogos (pequenos e grandes), jogos adaptados, atividades instrutivas com líderes, ambas com o objetivo de trabalhar exercícios de coordenação, equilíbrio, lateralidade, noções de espaço e socialização.

O professor de Educação Física tem suas preocupações quanto à turma em que ministra suas aulas, porém, além de realizar planos de ensino para os ditos alunos “normais”, também deve pensar em como o aluno com SD que pertence aquela classe vai aprender e se desenvolver como as outras crianças. Bueno (2001, p. 27 apud GÓES et al., 2007, p.44) afirma que:

[...] a perspectiva de inclusão exige, por outro lado, modificações profundas nos sistemas de ensino; que essas modificações [...] demandam ousadia, por um lado e prudência por outro; - que uma política efetiva de educação inclusiva deve ser gradativa, contínua, sistemática e planejada, na perspectiva de oferecer as crianças deficientes educação de qualidade; e que a gradatividade e a prudência não podem servir para o adiamento “*ad aeternum*” para a inclusão [...] mas [...] devem servir de base para a superação de toda e qualquer dificuldade que se interponha a construção de uma escola única e democrática.

Desta forma, entende-se que a aprendizagem depende da apropriação do conhecimento de conteúdo de cada aluno e também do seu desenvolvimento pessoal. Neste ponto, a família tem papel relevante em grande parte da intervenção no que se refere ao desenvolvimento escolar, haja vista que a criança deve se apropriar de conhecimentos.

Quanto ao planejamento das aulas, todo professor deve observá-lo com atenção para que não haja imprevistos. Quando se tem um aluno cadeirante na escola, este deve participar de todas as aulas, considerando-se que é um direito dele. Assim, é fundamental que este aluno não seja excluído da aula, mas que os planos de aula sejam adaptados a ele.

Da mesma forma, ao ensinar o saque do voleibol a um cadeirante que também deve e tem o direito de aprender, o professor precisa adaptar o saque a sua deficiência, já que este pode não conseguir efetuar o saque por baixo da bola, assim, poderá fazê-lo por cima, mas caso ainda não consiga, o aluno deve ser estimulado para que tente fazer com que a bola chegue a quadra adversária sem tocar a rede.

Cabe aos professores, ensinar os alunos com SD, da mesma forma como ensinariam um cadeirante, ou seja, devem ter paciência para ensinar de forma a conduzir uma

aula condizente com as necessidades de todos de modo que aprendam e compreendam o que está sendo ensinado. Importante destacar, ainda, que o respeito entre os pares deve sempre existir para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra dentro do esperado.

Em síntese, conclui-se com este trabalho que cada aluno com ou sem deficiência possui seu tempo ideal para desenvolver-se, neste caso, o professor deve trabalhar com a inclusão nas aulas de Educação Física, independente da forma como o aluno com SD realiza determinados movimentos, seja de forma correta ou não. Porém, não se deve impedir que este aluno saiba do movimento correto, afinal não a escola, em suas aulas de Educação Física não tem o objetivo de formar atletas, mas cidadãos ativos, participativos e críticos.

Quando o aluno com SD se percebe inserido nas aulas aprende com mais facilidade, uma vez que percebe a importância do convívio e da socialização com os demais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem das crianças com SD dependem de todos os professores e familiares trabalharem juntos em prol da educação destes alunos.

Constatou-se neste estudo que, mesmo tendo poucas diferenciações entre os três tipos desta síndrome, é comum que esses alunos apresentem as mesmas dificuldades nas aulas de Educação Física.

Infelizmente não existem manuais para lidar com as diferenças e deficiências em sala de aula, principalmente nas aulas de Educação Física, na qual o único livro é professor. As aprendizagens e mudanças ocorrem quando o professor aprende a lidar com o aluno com deficiência independente de qual seja.

Todos seres humanos possuem direitos iguais quanto à educação. Desse modo, deve-se procurar formação complementar à graduação para melhorar a capacitação e aprender a lidar com as diferenças.

Ao concluir este trabalho, entende-se que ensinar na verdade é a prática do cotidiano, a constante pesquisa e estudo frequente como forma de buscar mais especialização. Na verdade, no contexto educativo e na vida aprende-se com os erros e a experiência faz crescer e evoluir.

Destaca-se que há pouco material sobre aulas de Educação Física direcionadas aos alunos que possuem SD, então espera-se que este trabalho sirva de subsídio para que outras

pesquisas relacionadas ao tema possam ser efetivadas e mais material possa ser disponibilizado para os professores que buscam aprender cada vez mais sobre como trabalhar com esses alunos.

REFERÊNCIAS

- BISSOTO, Maria Luiza; Desenvolvimento Cognitivo e o Processo de Ensino e Aprendizagem. **Ciências & Cognição**, São Paulo, v.04, p.83-91, Fev./Mar. 2005.
- BRASIL, Presidência da República. **Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Casa Civil. Brasília. D.F, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm> Acesso em: 31 Mar. 2016.
- _____. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf> Acesso em: 06 Abril de 2016.
- FLAVELL, John Hurley. **A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget**. São Paulo: Ed. Pioneira, 1975. 479 p.
- GÓES, Maria Cecília Rafael de. et al. **Políticas e práticas de educação inclusiva**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. 165 p.
- GONZÁLEZ, Eugenio. **Necessidades educacionais específicas: intervenção psicoeducacional**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 436p.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995. 214 p.
- MANTOAN, Mari Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: o que é? por quê? como fazer?** 2.ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise interpretação de dados**. 3ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- MILLEN NETO, Alvaro Rego; SILVA, T.J. Cardoso. Inclusão educacional de alunos com síndrome de down. **Pensar a Prática**, Goiânia, GO, v.11, n.2, p.105-113, ago. 2008.
- ORNELAS, Marcia Abrantes; SOUZA, Celso. A contribuição do profissional de educação física na estimulação essencial em crianças com síndrome de down. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 12, n. 1, p. 77-88, 1. sem. 2001.
- STRAY-GUNDERSEN, Karen (Org.). **Crianças com síndrome de down: Guias para pais e educadores**. 2 ed. Porto Alegre. Artmed, 2007. 280 p.

WERNECK, Cláudia. **Muito prazer, eu existo:** um livro sobre as pessoas com síndrome de down. 2 ed. Rio de Janeiro: WVA, 1993. p. 280.